

SKOCPOL, THEDA. ESTADOS E REVOLUÇÕES
SOCIAIS: ANÁLISE COMPARATIVA DA
FRANÇA, RÚSSIA E CHINA. LISBOA:
EDITORIAL PRESENÇA, 1985.

Mauricio GONÇALVES*

Por que fazer a resenha de um livro originalmente publicado na língua inglesa em 1979, com tradução para o português de Portugal em 1985, sobre revoluções sociais? Por duas razões básicas: primeira, pelo fato do livro em questão poder ser considerado um clássico das ciências sociais em sentido mais amplo, dada a abrangência e a inerente interdisciplinaridade do trabalho, e não apenas da escola do **neoinstitucionalismo histórico** ligada à ciência política ou da **sociologia histórica comparativa** e, segunda, por que acreditamos que esse clássico ainda não foi devidamente avaliado nas ciências sociais brasileiras.

“Alguns livros apresentam uma argumentação inteiramente nova; outros encerram argumentações que levam o leitor a encarar velhos problemas a uma luz nova. Este trabalho pertence decididamente ao segundo caso [...]” (SKOCPOL, 1985, p.9). Assim tem início o livro de Skocpol que, em concorrência com outros modelos teóricos, busca explicar cientificamente os motivos pelos quais algumas sociedades, em detrimento de outras, experimentaram – entre fins do século 18 até meados do século 20 – mudanças sociais revolucionárias. A partir do estudo da autora estadunidense, questões metodológicas de ordem fundamental para as ciências sociais são suscitadas: é possível identificar padrões para determinadas mudanças sociais – no caso em tela, para revoluções sociais – e, a partir deles, generalizar e/ou prever casos futuros semelhantes? Se sim, de que maneira e com quais ferramentas teórico-metodológicas?

* Bolsista CNPq. Doutorando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – gonalvesagosto@yahoo.com.br

Skocpol vai propor a **análise histórica comparativa** a partir de uma **perspectiva estrutural** baseada no método indutivo que John Stuart Mill desenvolve no livro *A System of Logic* (1843). Curiosamente, ele mesmo adverte para os limites de seu uso nas ciências sociais (MILL, 1888 apud BURAWOY, 1989, p.799). Ainda assim, ela vai em frente:

Existem duas vias principais de procedimento. A primeira consiste em tentar estabelecer que um certo número de casos que tem em comum o fenômeno que se pretende explicar partilham também um conjunto de factores causais, embora variem de outros modos que possam ter parecido causalmente relevantes. Esta abordagem é aquela a que Mill chamou o “Método da Concorância”. O segundo consiste na contrastação que se pode fazer entre os casos nos quais estão presentes os fenômenos a ser explicados e as suas causas hipotéticas e outros casos que, embora tanto os fenômenos como as causas neles se não verifiquem, sejam, noutros aspectos, tão semelhantes quanto possível aos casos positivos. A este processo interpretativo chamou Mill “Método da Diferença”. [...] Na prática, contudo, é frequentemente possível – e certamente desejável –, harmonizar estas duas lógicas comparativas (SKOCPOL, 1985, p.49).

É exatamente esse o caminho que ela trilhará para tentar explicar as causas existentes para as mudanças sociais revolucionárias na França [a partir de 1789], Rússia [a partir de 1917] e China [a partir de 1911] e porque no Japão, Inglaterra e Prússia/Alemanha, apesar de muitas semelhanças com os casos positivos dos três primeiros países, tais mudanças não ocorreram.

A “luz nova” com que ela se refere à sua própria abordagem alguns parágrafos acima busca mostrar que as revoluções sociais não podem ser entendidas a partir das principais teorias existentes – principalmente a marxista – nem das que proliferaram nos EUA especialmente nas décadas de 1960-1970: (a) teorias de **psicologias de massas**; (b) teorias da **homogeneidade dos sistemas**, e; (c) teorias do **conflito político**.

Os princípios fundamentais de análise que ela advoga, alternativos a **todas** as teorias das revoluções existentes, são: “(1) uma perspectiva estrutural não voluntarista das suas causas e processos; (2) referência sistemática às estruturas *internacionais* e à evolução histórica mundial, e; (3) conceber os Estados como organizações administrativas e coercivas [...] potencialmente autônomas em relação aos interesses e às estruturas socioeconômicas” (SKOCPOL, 1985,

p.27). Skocpol concluirá que as **causas específicas suficientes** para as revoluções sociais na França, Rússia e China foram: (a) colapso administrativo e militar do Estado autocrático devido a pressões internacionais, e; (b) revoltas camponesas generalizadas contra os senhores de terra. Mas as revoluções sociais, para serem qualificadas como tal, tem que criar novos sistemas sociopolíticos. Então, a autora prossegue sua argumentação explicando o que se alterou e as “[...] razões que fizeram com que essas transformações [no sistema sociopolítico] emergissem *logicamente* a partir das situações sociais revolucionárias já apresentadas” (SKOCPOL, 1985, p.168, grifo nosso). A análise de como e o que mudou nas sociedades francesa, russa e chinesa tem na edificação dos Estados pós-revolucionários desses países o seu ponto **nuclear**.

A grande maioria das avaliações críticas em relação à análise histórica comparativa de Skocpol se concentra em suas premissas teórico-metodológicas. Para Mulhall e Morais (1998, p.37), uma vez que o próprio Mill afirma que “[...] os fenômenos sociais são aqueles nos quais a pluralidade [de causas] prevalece em sua máxima extensão”, Skocpol acaba produzindo uma explicação causal limitada – a dois fatores – para as revoluções sociais estudadas, “[...] o que torna sua teoria muito aberta à falsificação” (MULHALL; MORAIS, 1998, p.37-38) Os autores criticam sua elaboração de um modelo de análise triangular – restrito à oposição **generalização-singularidade** – para a subdisciplina da **sociologia histórica**. O debate sobre a subdivisão no interior da sociologia histórica, objeto do artigo dos dois, apenas nos interessa aqui porque eles cobram a inclusão de mais uma dimensão ao modelo dela: a oposição **estrutura-agência**, o que acaba tendo impactos para a própria teoria macroestrutural de Skocpol, pois o que fica patente é a ausência das “vontades dos sujeitos” em seu próprio horizonte teórico. E, de fato, esse parece um ponto problemático em sua estrutura conceitual. Skocpol afirma que “[...] as revoluções não se fazem; surgem” (SKOCPOL, 1985, p.30), o que sugere uma falta de equilíbrio entre os elementos objetivos e os subjetivos em seu esquema explicativo.

Todavia, uma crítica mais forte e densa advém de Burawoy (1989). Ele mostra os problemas **inerentes** nas raízes metodológicas indutivas sobre as quais se estruturam os argumentos científicos de Skocpol. Seguindo a proposta de Imre Lakatos em *The Methodology of Scientific Research Programmes* (1978), Burawoy mostra que a ciência não se desenvolve quando os “fatos refutam teorias” (BURAWOY, 1989, p.760) – até porque os fatos não podem ser tomados como “dados pré-existentes” (BURAWOY, 1989, p.760), uma vez que “fatos são selecionados” (BURAWOY, 1989, p.763) e “fatos são já interpretações” (BURAWOY, 1989,

p.773) –, mas quando os cientistas acabam “[...] introduzindo teorias auxiliares que expandem o poder explanatório dos núcleos duros¹” (BURAWOY, 1989, p.761).

Aqui, os cientistas seguem o princípio metodológico que Lakatos chamou de *heurístico positivo*, que é uma política de pesquisa, composta de modelos e exemplos, destinada a digerir anomalias com a construção de teorias consistentes com os núcleos duros. Em outras palavras, uma defesa progressiva dos postulados duros toma a forma de um cinto expansivo de teorias que reforça o conteúdo empírico corroborado e soluciona sucessivos enigmas (BURAWOY, 1989, p.761, grifo do autor).

Para tanto, Burawoy faz uma comparação entre a teoria exposta pela estadunidense em *Estados e revoluções sociais* e o texto *Balanço e perspectivas* (1905) do marxista Leon Trotski. O trabalho deste pode “[...] ser visto como parte de um programa de pesquisa progressivo marxista” (BURAWOY, 1989, p.761). A comparação entre Skocpol e Trotski se dá porque “[...] ambos enfatizam a importância das lutas de classes, da autonomia do Estado, e das relações internacionais entre as causas e consequências das revoluções” (BURAWOY, 1989, p.760). Usando os três critérios de Karl Popper para avaliar o “avanço científico” de uma nova teoria – (a) possuir uma “simples, inédita e poderosa ideia unificadora”; (b) ser “independentemente testável e proporcionar previsões de novos e inesperados fenômenos”, e; (c) “passar por novos e severos testes com a corroboração das previsões” (BURAWOY, 1989, p.762) – Skocpol apenas cumpre com o primeiro. Trotski, ao contrário, prevê já no trabalho citado, entendido como uma “política de pesquisa positiva”, alguns dos principais acontecimentos da revolução russa de 1917 a partir da elaboração das teorias da **revolução permanente** e do **desenvolvimento desigual e combinado**, que “expandem o poder explanatório dos postulados duros” marxistas.

Para Burawoy, é apenas quando Skocpol temporariamente escapa dos “*canons of induction*” de Mill, **ontologicamente** inadequados para as ciências sociais, que consegue *insights* importantes. São esses “*canons*” que ferem o cerne da tentativa de explicação generalizante de Skocpol. Com eles, a autora congela a história, por exemplo, e se torna incapaz de contemplar em seu esquema a importância central do proletariado, e não apenas do campesinato, para a eclosão

¹ As traduções das expressões do artigo de Burawoy são de minha responsabilidade.

da revolução russa. Os “*canons of induction*” saturam de positivismo todo o trajecto argumentativo dela. E, ironicamente, torna menos “científico” seu trabalho.

Todavia, apesar dessas observações críticas, “[...] seu trabalho pioneiro sobre revoluções sociais foi um divisor de águas” (MULHALL; MORAIS, 1998, p.25). Mas não no sentido de que já faz parte do passado como obra de macro-teoria social. Ao contrário. *Estados e revoluções sociais* é ainda hoje fonte de ensinamentos justamente por que nele podemos perceber – além do trânsito pelas disciplinas da historiografia, ciência política, sociologia, filosofia e economia social – a **condensação** das principais problemáticas metodológicas com que se defrontam as ciências sociais desde seu aparecimento: a combinação adequada e **dialética** entre os elementos da estrutura e da ação humana e entre os da singularidade e a universalidade dos **processos** sociais. Combinação e dialética que, para serem adequadas, tem que contemplar a **história** como parâmetro vital.

REFERÊNCIAS

BURAWOY, M. Two methods in search of science: Skocpol versus Trotsky. **Theory and Society**, Dordrecht, v.18, n.6, p.759-805, 1989.

LAKATOS, I. **The methodology of scientific research programmes**. New York: Cambridge University Press, 1978.

MULHALL, T.; MORAIS, J. V. “Mapeando o reino” da sociologia histórica: reflexões acerca do modelo teórico-metodológico de Theda Skocpol. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB**, Rio de Janeiro, n.45, p.25-50, 1998.

SKOCPOL, T. **Estados e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China**. Lisboa: Presença, 1985.